

Por novos dias & dias: considerações sobre o romance moderno em *Dias & Dias*, de Ana Miranda

BRUNA FONTES FERRAZ

Resumo: Embora Gonçalves Dias (1823-1864) seja reconhecido principalmente pelos seus poemas de temática indianista, importantíssimos à discussão sobre a identidade brasileira, grande parte de sua obra – as chamadas poesias diversas – se insere numa escrita de tendência lírico-amorosa. Partindo de uma leitura do poema “Olhos Verdes”, Ana Miranda textualiza em seu romance *Dias & Dias* (2002) a vida e a obra de Gonçalves Dias, recuperando a temática lírica do século XIX para o século XXI, ao propor uma biografia romanceada do poeta. Diante disso, vimos discutir as estratégias intertextuais em *Dias & Dias*, buscando identificar como Ana Miranda transpõe vida e obra do poeta para seu romance, de modo a assumir o estilo romântico com a utilização do pastiche e as referências à obra do poeta romântico ao incorporar trechos de poemas gonçalvinos.

Palavras-chave: Práticas Intertextuais. Pastiche. Romantismo brasileiro. Gonçalves Dias. Ana Miranda.

“São uns olhos verdes, verdes,
Uns olhos de verde-mar”
Gonçalves Dias

A prática intertextual tem tido maior relevância nas obras contemporâneas, que utilizam a estratégia do diálogo entre textos para se firmarem numa prática essencialmente moderna. Embora a intertextualidade não seja um hábito literário novo, ela é uma constante da literatura mais recente, principalmente a de vanguarda. Diante dessa perspectiva, entendemos que o exercício (inter)textual da escritora Ana Miranda se insere numa prática moderna ao referenciar outros escritores.

Os seus romances são entrecidos por fatos históricos mesclados à liberdade ficcional e literária, como acontece não somente em *Dias & Dias* (2002) – obra da qual trataremos neste trabalho –, como também em *Boca do Inferno* (1989), *A última quimera* (1995) *Clarice* (1996), entre outras. Esses livros apresentam como personagens grandes escritores da literatura brasileira: o poeta romântico Gonçalves Dias, o poeta barroco Gregório de Matos, o poeta simbolista Augusto dos Anjos e a escritora modernista Clarice Lispector, respectivamente.

Neste artigo, propomo-nos a analisar sob uma perspectiva dos estudos da intertextualidade e do romance moderno a obra *Dias & Dias*, que ao retratar a vida e obra

do poeta evidencia o próprio Romantismo brasileiro. Para tal, primeiro apresentaremos as principais características do Romantismo brasileiro; em seguida trataremos do modo como Ana Miranda transpõe a vida e a obra de Gonçalves Dias para seu romance. Assim, poderemos discutir a prática intertextual do pastiche na escrita de Ana Miranda. Por fim, com base nos ensaios “Kafka e seus precursores” e “Pierre Menard, autor do Quixote”, de Jorge Luis Borges, analisaremos a questão do espaço literário e do diálogo infinito por meio dos quais a Literatura sempre vem a surgir e ressurgir de si mesma, tal qual uma Fênix.

O Romantismo foi um movimento estético e literário europeu – principalmente na Alemanha, França, e Inglaterra - compreendido entre a metade do século XVIII e a metade do século XIX. Segundo Afrânio Coutinho esse movimento “(...) consistiu numa transformação estética e poética desenvolvida em oposição à tradição neoclássica setecentista, e inspirada nos modelos medievais” (COUTINHO, 1980, p. 140). Em oposição à racionalidade, ao absolutismo e ao convencionalismo dos modelos clássicos, o Romantismo pregava o sentimento, a emoção, a natureza e as particularidades nacionais.

No Brasil, o Romantismo foi um movimento de grande importância, pois, de acordo com Coutinho, “(...) foi a ele que deveu o país a sua independência literária, conquistando uma liberdade de pensamento e de expressão sem precedentes, além de acelerar, de modo imprevisível, a evolução do processo literário” (COUTINHO, 1980, p. 153). Dessa forma, para valorizar as origens da nacionalidade escolheu-se o índio, visto como fundador da nação brasileira. O índio transformou-se num símbolo aclamado em inúmeros poemas de Gonçalves Dias – considerado o principal poeta romântico brasileiro – como “I-Juca-Pirama”, “Os Timbiras”, “Canção do Tamoio”.

No nosso entender, Ana Miranda escolheu justamente escrever sobre e com a obra de Gonçalves Dias, pois ele é um poeta/escritor/dramaturgo que melhor representaria essa multiplicidade e liberdade almejadas pelo Romantismo.

Antonio Gonçalves Dias nasceu no ano de 1823 em Caxias – Maranhão. Por algum tempo o menino Antonio trabalhou na loja de seu pai. Estudou latim, francês e filosofia, e em 1838 partiu para Coimbra para estudar Direito. Em 1841, fez seus primeiros versos dedicados à coroação do Imperador Dom Pedro II e, em 1844, formou-se em Direito pela Universidade de Coimbra, retornando ao Brasil em 1845.

Escreveu e publicou várias obras, dentre elas poemas e peças teatrais. Gonçalves Dias, além de poeta e dramaturgo, foi redator de debates do Senado e da Câmara, professor no Colégio de Pedro II, chefe da seção de etnografia da Comissão Científica de Exploração, além de ter estudado os indígenas brasileiros em missão oficial. A atuação nesses cargos de grande importância comprova o reconhecimento social do poeta, que também recebeu elogios de poetas portugueses por suas poesias indianistas.

Apesar de sofrer inúmeros problemas de saúde e talvez por isso, impossibilitado de sair do navio, quando retornava ao Brasil, de uma de suas inúmeras viagens à Europa, Gonçalves Dias acabou por falecer num naufrágio à vista da costa do Maranhão, em 1864.

O romance *Dias & Dias* se inicia com a espera da narradora Feliciano pelo navio *Ville de Boulogne*, no qual chegaria Gonçalves Dias:

Logo que soube da chegada de Antonio no dia 3 de novembro, no *Ville de Boulogne*, viajei para São Luís e aqui estou, esperando no embarcadouro a chegada do velho brigue francês que partiu do Le Havre, e há dias e dias sinto o meu coração como um sabiá na gaiola com a porta aberta, tenho vontade de girar, girar até ficar tonta e cair no chão, como eu fazia quando era menina (MIRANDA, 2002, p. 15).

No entanto, essa espera se prolonga por toda a narrativa, quando a narradora rememora não somente as lembranças de sua vida, como a própria biografia de Gonçalves Dias e os seus poemas, relatando acontecimentos desde a sua infância. E num relato progressivo, Feliciano termina suas memórias ainda no cais, sentindo-se sozinha e ansiosa pela demora do poeta:

(...) sento no muro, cai uma chuva fina, ninguém no embarcadouro, só um bando de cachorros olhando-me curiosos, e os leões de pedra do palácio lá longe parecem mexer-se, frios os canhões, as ruas vazias da vila, as nuvens, eu aqui na lembrança dos ventos batida, sinto-me tão sozinha... (...) enquanto declamo espero, mas o tempo não passa, (...) fecho os olhos e escuto, com a sensação de que é apenas o som do vento nos mastros dos barcos, sinto assim como um raio me partir ao meio e então nesse instante meu coração começa a bater de um jeito como nunca batera antes (MIRANDA, 2002, p. 234)

A narrativa se apresenta, portanto, em *flashback*, através das memórias de Feliciano enquanto espera pela chegada de Gonçalves Dias. Ela relembra/ rememora toda a sua história que foi dedicada ao poeta. No entanto, a sua espera é inútil já que o naufrágio do navio culmina com a morte do escritor. E é justamente nesse episódio – o da morte do poeta – que começa o romance *Dias & Dias*.

Para transpor a vida e obra de Gonçalves Dias para um romance – gênero protiforme e polifônico, conforme Bakhtin –, Ana Miranda usa um processo similar ao que o próprio Gonçalves Dias usava em seus poemas: a transposição de personagens factuais para a poesia, bem como a criação de personagens fictícios. Como personagens factuais que participaram da vida do poeta romântico, podemos citar Ana Amélia, inspiração para muitos poemas do jovem apaixonado; Alexandre Teófilo, amigo com o qual Dias se correspondia frequentemente; e Maria Luísa, esposa de Alexandre Teófilo e prima de Ana Amélia.

Além disso, Ana Miranda cria personagens a partir dos poemas – num movimento da obra para criação de vida: é o que acontece com Feliciano, personagem criada a partir do poema “Olhos verdes”. Conforme lemos em *Dias & Dias*, o poeta o teria escrito dedicado a ela, sob a ótica romanceada de Ana Miranda. Mas haveria também

nesse romance o movimento de vida para criação da obra; afinal Gonçalves Dias é transformado no protagonista que concretiza a obra *Dias & Dias*.

No entanto, para o papel de narradora de seu romance, Ana Miranda escolhe justamente a personagem fictícia Feliciano, numa inversão das biografias tradicionais, que partem da vida para a obra, enquanto Ana Miranda parte da obra para a vida. Observemos que, por todo o romance, Ana Miranda funde à voz da narradora um tom poético ao incorporar os poemas gonçalvinos, de modo que Feliciano fale com e por meio de seu amado. Ressaltamos, a seguir, um trecho da obra para observarmos a mudança da voz narrativa por meio da citação implícita, sugerida por itálicos, de um trecho do poema “Como eu te amo”, de Gonçalves Dias:

(...) Antonio passava na frente de minha casa, era seu caminho, eu o espreitava, *Como se ama o silêncio, a luz, o aroma, o orvalho numa flor, nos céus a estrela, como se ama o clarão da branca lua, de noite na mudez os sons da flauta, como se ama a mansa viração que o bosque on-deia... oculta e ignorada me desvelo por ti que não me vês...* quantas anáguas eu usava, ainda nem havia a crinolina, eu amarrava fitas de veludo nos cabelos e calçava botas de merinó preto (MIRANDA, 2002, p. 54).

Percebemos que a narradora cita os versos de Gonçalves Dias marcados em itálico, ao longo de *Dias & Dias*. Porém, Feliciano também se utiliza de outras práticas intertextuais no romance quando se apropria de palavras ou versos desse poeta que aparecem sem destaques no texto. Tal procedimento, ao abarcar outras vozes ficcionais, implica a disseminação do eu, no sentido da criação de um eu polifônico, múltiplo. Notamos, então, que não há mais a voz autoral, o eu autoral, mas, sim, vários eus que se constituem e se espalham nas diversas personagens e na própria linguagem literária.

Deste modo, além de transpor a biografia de Gonçalves Dias para a sua obra, Ana Miranda incorpora a obra do poeta ao permitir que os versos e a musicalidade da temática lírica romântica gonçalvina dançam/ecoem pelo seu romance. Para isso, a escritora se apropria de versos, às vezes versos inteiros, que nem sempre estão destacados na obra. Tal estratégia intertextual permite a Miranda escrever um livro a partir de Gonçalves Dias, um romance polifônico, num diálogo crescente e constante entre textos. Conforme evidenciou Leyla Perrone-Moisés citando Julia Kristeva – que criou o termo “intertextualidade”: “todo texto se constrói como um mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de textos; ele é uma escritura réplica (função e negação) de outro (dos outros) texto(s)” (KRISTEVA, apud PERRONE-MOISÉS, 2006, p. 94).

Nesta perspectiva da intertextualidade, *Dias & Dias* se configura como um mosaico de citações das poesias de Gonçalves Dias, as quais Ana Miranda passa a ver, a ler e a transpor como “autobiográficas”, ou seja, ela reconhece a vida do escritor estampada em seus poemas.

O texto fulgurante que desencadeia todo o enredo rememorado pela narradora seria “Olhos Verdes”, poema que, segundo Feliciano, teria sido escrito para ela. Lemos,

então, que, quando menina, Feliciano foi ao mercado do pai do menino Antonio (Gonçalves Dias) comprar meio quilo de feijão verde; ao ver o referido poema escrito na embalagem do feijão, ela acredita que teria sido o menino Antonio quem o escrevera para ela. Assim, a partir de tal episódio, a personagem se apaixona pelo poeta e por suas palavras, como rememora:

[...] Trago nas minhas mãos os versos que Antonio escreveu para meus olhos, quantos anos, mesmo, tínhamos? Eu doze, e ele treze, pois isso se deu em 1836. A poesia fala em olhos verdes, e naquele momento, quando a li pela primeira vez, acreditei que fossem os meus olhos [...] (MIRANDA, 2002, p. 15).

É interessante ressaltar que a narradora considera que o poema foi escrito para ela, embora não possuísse olhos verdes; e mesmo assim ela tenta se convencer de que há uma aproximação entre a cor da folha seca de seus olhos e o verde-mar aclamado no poema de Dias, já que ela pode comparar a cor dos seus olhos à cor da água da baía de São Marcos:

(...) mas meus olhos não chegam a ser verdes, têm mais a cor da folha quase seca da palmeira, ou talvez a cor da água da baía de São Marcos, uma água suja de lama e areia dos moventes baixios, revolvida pelas dimensões da lua, pelo percorrer incessante dos saveiros de pesca, esta água que agora vejo ao sol da manhã (MIRANDA, 2002, p. 15).

A partir de uma leitura de “Olhos verdes” se dá a relação entre Feliciano e Antonio, e entre Feliciano e a poesia, já que o seu amor pelo poeta se inicia e se mantém alimentado pela leitura das obras dele. O amor, então, nasceria para a protagonista e narradora de *Dias & Dias* com a leitura dos versos a seguir:

São uns olhos verdes, verdes,
Uns olhos de verde-mar,
Quando o tempo vai bonança;
Uns olhos cor de esperança,
Uns olhos por que morri;
Que ai de mim!
Nem já sei qual fiquei sendo
depois que os vi! (DIAS, 1997, p. 90)

O amor que Feliciano dedicou ao poeta ao longo de sua vida teria também arrebatado a própria escritora, Ana Miranda, pois, apaixonada pelos poemas gonçalvinos, ela cria/ recria/ escreve/ reescreve/ lê/ relê a vida de tal figura tão importante no período do Romantismo brasileiro. Para fazer isso e rememorar a obra de Gonçalves Dias num contexto atual, no qual falar de amor no tom melodramático do Romantismo po-

de se qualificar como algo antiquado, Miranda traduz, transpõe, metamorfoseia os poemas do poeta romântico, ou seja, desperta Dias ao escrever numa forma, num gênero em que o poeta não escreveu: o romance.

Assim, podemos considerar que o romance *Dias & Dias* se configura como um pastiche por homenagear o poeta Gonçalves Dias e manter o tom poético e lírico dos próprios poemas gonçalvins. Podemos observar esse tom poético apropriado por Ana Miranda em seu romance no exemplo a seguir:

Então era aquilo o sentimento do adeus, a ventura do partir, os arpejos da liberdade tocavam meu coração e faziam meu corpo tremular, ventos e correntezas e cabelos, viver para o horizonte, então era aquilo a brisa favorável, a vasta amplidão do mundo que embriagava! as minhas horas passavam curtas e cheias de um inefável suspense, eu nunca havia experimentado aquela sensação de folha ao vento a esvoaçar sem custo, de respirar o espaço e galgar os escarcéus, nunca havia imaginado um mundo que mudasse a cada instante, nem que pudesse haver tanta amplidão de matas, e o coração impelido por algo que não era o amor, mas tão intenso quanto o amor, além das montanhas, além das nuvens, além da amplidão, partir, separar a alma da terra, deixar o pai, deixar o percurso de uma lua, uma rosa jogada às ondas do mar, palinódia! (MIRANDA, 2002, p. 163).

Ressalte-se que, quando cita Dias, Ana Miranda não tem intenção de se passar por autora dos versos do poeta; ela escreve para prestigiar Gonçalves Dias, escreve por/ com ele. Ao fazer isso, ela não foge de si mesma, como faria o plagiário que "(...) acaba fugindo de si-mesmo, ou constituindo, tendencialmente, um falso si-mesmo escritor." (SCHNEIDER, 1990, p. 87). A autora deixa suas marcas ao transformar figuras históricas em figuras romanescas, ou mesmo ao incluir uma história ficcional paralela à factual. Nesta perspectiva, entendemos com Blanchot que a obra "(...) não é acabada nem inacabada: ela é" (BLANCHOT, 1987, p. 12), estando sempre aberta para novas leituras/ escrituras que possam dialogar, ecoar umas com as outras, numa continuação infinita da Literatura. Assim nasce o livro *Dias & Dias*, que ecoa, dissemina as palavras de Gonçalves Dias, dando voz ao poeta por meio da participação ativa do leitor, que se vê envolvido diretamente na criação/recriação da obra. Tal estratégia configura, pois, o pastiche, uma vez que

(...) o pastiche libera a verdade profunda da leitura: lemos verdadeiramente um livro quando dele não podemos mais nos desfazer, só podemos refazê-lo, contrafazê-lo, idéia que converge com a idéia moderna de que é o leitor que, pela primeira vez, faz o livro. (SCHNEIDER, 1990, p. 87).

Percebemos, pois, que a obra de Miranda é antes de tudo uma forma de diálogo com a obra gonçalvina, rememorando, resgatando e despertando o poeta para um contexto diferente e propondo, com isso, falar de amor, pela Literatura.

Num primeiro momento, os leitores de *Dias & Dias* podem reconhecer em Gonçalves Dias apenas o poeta da “Canção do Exílio”, poema citado como epígrafe do livro. No entanto, Miranda só menciona os poemas indianistas superficialmente, já que ela enfatiza os poemas que falam do amor lírico e da terra natal, revelando aos seus leitores um outro Gonçalves Dias.

Diante do que foi abordado, percebemos que há na obra *Dias & Dias* um confronto com a pluralidade: a pluralidade de vozes por meio do diálogo entre os textos e a própria exigência da pluralidade ao se escrever sobre Gonçalves Dias. Diante de uma vida tão múltipla – a de poeta, dramaturgo, aquele que escreveu sobre o amor, sobre a pátria, sobre os índios – a autora entretece várias histórias, várias vozes ao romance. Ana Miranda cria um espaço no qual a literatura nasce da literatura e fala sobre a própria literatura. Assim se configura um ponto comum nos diálogos intertextuais, como observa Leyla Perrone-Moisés:

A literatura nasce da literatura; cada obra nova é uma continuação, por consentimento ou contestação, das obras anteriores, dos gêneros e temas já existentes. Escrever é, pois, dialogar com a literatura anterior e com a contemporânea (PERRONE-MOISÉS, 2006, p. 94).

Em relação aos diálogos entre Ana Miranda e Gonçalves Dias, vale aqui relembrar o texto de Borges “Kafka e seus precursores”, em que, ao decidir encontrar os precursores de Kafka, Borges acredita reconhecer neles “sua voz [a de Kafka], ou seus hábitos, em textos de diversas literaturas e de diversas épocas” (BORGES, 1999, p. 96). O que Borges nos revela é que cada escritor cria os seus próprios precursores:

No vocabulário crítico, a palavra *precursor* é indispensável, mas se deveria tentar purificá-la de toda conotação de polêmica ou de rivalidade. O fato é que cada escritor *cria* seus precursores. Seu trabalho modifica nossa concepção do passado, como há de modificar o futuro. Nessa correlação, não importa a identidade ou a pluralidade dos homens (BORGES, 1999, p. 98).

Logo no início do ensaio – depois de ter comparado Kafka a uma fênix (pássaro mitológico que sempre ressurgue outro das suas próprias cinzas) – Borges diz que, mesmo tendo frequentado pouco a obra de Kafka, acredita ter reconhecido sua voz em outras obras e autores. Em seguida, Borges apresenta as ressonâncias da voz kafkiana em outros textos, num total de seis ressonâncias: em Zenão de Eleia; numa antologia de poesia chinesa; em parábolas de Kierkegaard; num poema de Browning, num conto de Léon Bloy e noutro de Lord Dunsany.

Com tal estudo, Borges nos diz, por exemplo, que “se a obra de Browning profetiza a obra de Kafka, é a obra de Kafka que afina e desvia nossa leitura do poema de Browning”, ou seja, lemos a partir de Kafka. Nesse sentido, podemos perceber que Ana

Miranda, ao incorporar poemas de Gonçalves Dias, nos leva a uma leitura do poeta romântico a partir de sua própria escritura.

O ensaio de Borges ainda nos mostra que sempre podemos reconhecer a voz ou o estilo de um autor em outras obras, sejam elas anteriores ou posteriores ao autor examinado, pois, na Literatura, tudo se repete, se reconstrói, ressoa, reverbera, ecoa. Assim faz Ana Miranda: em cada um de seus romances ela cria seus próprios precursores. Em *Dias & Dias* encontramos, intencionalmente, um precursor: Gonçalves Dias.

Considerando a concepção borgeana, podemos inferir que, se a intertextualidade da obra *Dias & Dias* se dá pela própria relação entre os textos e entre os autores, a própria obra de Gonçalves Dias já não é mais a mesma, pois se situa num contexto diferente daquele do período romântico, quando o poeta publicou sua obra. Por outro lado, a obra de Ana Miranda promoverá um novo olhar do leitor sobre a obra lírica de Dias.

Diante disso, relembremos outro ensaio borgeano: “Pierre Menard, autor do Quixote”, conto-ensaio sobre uma bio-bibliografia em que o imaginário escritor simbolista francês Pierre Menard se propôs a reproduzir o texto de Cervantes, apesar das diferenças históricas, sociais e culturais entre ele e Cervantes. Com sua peculiar ironia, Borges observa que, apesar de idênticos, o texto de Menard seria infinitamente mais rico do que o de Cervantes. Segundo Borges:

constitui uma revelação cotejar o ‘Dom Quixote’ de Menard com o de Cervantes. Este, por exemplo, escreveu (‘D. Quixote’, primeira parte, nono capítulo):

... a verdade, cuja mãe é a história, êmula do tempo, depósito das ações, testemunha do passado, exemplo e aviso do presente, advertência do futuro.

Redigida no século dezessete, redigida pelo ‘engenho leigo’ Cervantes, essa enumeração é um mero elogio retórico da história. Menard, em compensação escreve:

... a verdade, cuja mãe é a história, êmula do tempo, depósito das ações, testemunha do passado, exemplo e aviso do presente, advertência do futuro.” (BORGES, 1989, p. 36).

Embora observe que tanto o texto de Cervantes quanto o texto de Menard sejam idênticos, Borges afirma que o texto de Menard é infinitamente mais rico e, apesar de serem os mesmos, são textos diferentes. Tal constatação pode parecer um pouco paradoxal, mas entendemos que o que distingue o texto de cada um dos autores é o fato de que eles se inserem em contextos diferentes, épocas diferentes, escritos por autores diferentes e destinados para leitores diferentes. O escritor argentino nos mostra, pois, que o texto literário muda conforme aquele que o lê – a leitura sugere a metamorfose do texto, já que os leitores não leem da mesma forma. Tal constatação foi evidenciada por Leyla Perrone-Moisés que diz:

Para Borges, portanto, a tradição é uma questão de leitura, de recepção, e como essa recepção se transforma em cada momento histórico, a tradição está constantemente sujeita a uma revisão, está em permanente mutação. No mesmo sentido, diz Borges que, se

soubermos como será lida determinada obra no ano 2000, conheceremos a literatura do ano 2000 (PERRONE-MOISÉS, 2006, p. 95).

Convém observar que Menard deriva do verbo francês *mener*, que significa tanto “trazer” quanto “levar”. Aplicando tais sentidos ao livro da Ana Miranda, podemos dizer que num primeiro movimento ela traz a obra do Gonçalves Dias para a contemporaneidade e para um outro público, enquanto num outro movimento ela leva o leitor para a obra do poeta da “Canção do Exílio”. Nesse caso Ana Miranda prefere deixar as palavras de Gonçalves Dias sem destacá-las por marcadores gráficos, de modo que o leitor tenha que vê-las por si mesmo, como num caça-palavras-poéticas.

A escritora Ana Miranda, ao fazer uma re-leitura do passado sob a perspectiva da narradora Feliciano, faz também uma leitura do presente, ao dispor da voz de Gonçalves Dias num contexto contemporâneo. Nesse sentido, podemos evidenciar que o trocadilho que o título da obra nos evidencia vai muito além de uma brincadeira com o sobrenome “Dias” do poeta; ele também se refere ao tempo decorrido: tempo de espera da narradora pelo poeta, mistura dos tempos – passado e presente num diálogo permitido pelas vozes entre o poeta romântico e a escritora do romance.

Entendemos que o romance de Ana Miranda divide o espaço literário entre o factual e ficcional, falando do sentimento amoroso no século XXI. Esse espaço literário criado por Miranda emerge e se constitui a partir das lembranças da narradora Feliciano, que narra a sua vida e a de Antonio num caráter retrospectivo, que se faz, que se constrói na longa sequência de lembranças da narradora protagonista. Toda a sua vida e a sua espera pelo poeta são rememoradas no porto, onde Feliciano espera a chegada do navio Ville de Boulogne. Espera inútil, pois como sabemos da biografia do poeta, o navio naufraga e o único a morrer é Gonçalves Dias. Assim, o ato escritural em *Dias & Dias* se desencadeia por meio de uma inversão: no fim desastroso do poeta que culmina na sua morte, toma lugar a ausência, ponto de partida para o nascimento do romance-pastiche de Ana Miranda.

Bruna Fontes Ferraz é graduanda de Letras da Universidade Federal de Ouro Preto. brunafontesferraz@ymail.com. O trabalho foi escrito sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Elzira Divina Perpétua (Delet/ UFOP)

Referências bibliográficas

BLANCHOT, Maurice. A solidão essencial, in: BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

BORGES, Jorge Luís. Pierre Menard, autor do Quixote, in: BORGES, Jorge Luis. *Ficções*. São Paulo: Globo, 1989.

BORGES, Jorge Luís. Kafka e seus precursores, in: BORGES, Jorge Luís. *Obras completas de Jorge Luís Borges*. São Paulo: Globo, 1999, v. 2.

COUTINHO, Afrânio. *Introdução à Literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

DIAS, Gonçalves. *Poemas*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997.

MIRANDA, Ana. *Dias e Dias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Literatura Comparada, Intertexto e Antropofagia, in: PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Flores da escrivãzinha: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SCHNEIDER, Michel. Um texto como o outro: o pasticho, in: SCHNEIDER, Michel. *Ladrões de palavras*. Tradução de Luiz Fernando P. N. Franco. Campinas: Editora da Unicamp, 1990, p. 81-91.